

A IDENTIDADE DA CIDADE APRESENTADA ATRAVÉS DA SUA ARQUITETURA ICÔNICA E DO SEU URBANISMO

LAUREN NICOLE GONÇALVES DUARTE¹; ADRIANA PORTELLA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – Inicoleduarte@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – adrianaportella@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

A arquitetura possui o dom de não apenas encantar o usuário, como também de fazer parte de um momento marcante da história de alguém, de uma sociedade. Sociedade essa, a qual, sendo o elenco de seu próprio filme, sem a arquitetura, não possui direção de arte, equipe de fotografia, nem efeitos visuais. Ela tem o privilégio de poder servir de berço das memórias afetivas de um casal que se conheceu em uma plataforma de trem em 1986; ou do adeus dado a alguém, em uma rua extremamente arborizada, em frente a um mercado de tijolos aparentes, em um verão de 1927.

A história da Arquitetura e do Urbanismo vivida e construída em épocas passadas, deixou marcas na atualidade; e, diversos lugares, nesses vários séculos de história, passaram por momentos sombrios de grandes perdas; assim, muitos locais optaram por esconder essas marcas do seu território físico. Outras regiões, como é o exemplo de Budapeste, optaram por exaltar sua história, por fazer ela ser lembrada de modo que, tanto os moradores, quanto os visitantes, não esqueçam o que aconteceu naquele lugar, reforçando a identidade de Budapeste.

Portanto, neste artigo, o problema de pesquisa a ser investigado, e a pergunta de pesquisa, são o que a cidade mostra da sua história para as pessoas através da arquitetura icônica e do urbanismo. A cidade de Budapeste foi tomada como ponto de estudo, por sua história de guerra e de simbolismo através da arquitetura e do urbanismo locais. Os objetivos de pesquisa são estabelecer uma linha de raciocínio a respeito das cidades que mantém sua história preservada, através da Arquitetura Icônica, como ocorre em Budapeste, na arquitetura e no urbanismo da cidade.

2. METODOLOGIA

Esse artigo, para responder a pergunta de pesquisa e atingir o seu objetivo vai fazer uma revisão teórica dos seguintes trabalhos publicados por seus respectivos autores: “Arquitetura e simbolismo: novas abordagens no campo da análise do espaço e da cidade.” de Ribeiro (2009); “Cidade contemporânea, memória e preservação patrimonial: uma interpretação a partir das preexistências culturais.” de Edelweiss (2016); “ Inferno: o mundo em guerra 1939-1945” de Hastings (2011).

O estudo de caso será Budapeste, capital da Hungria, devido ao seu passado histórico marcado por extrema violência à sua população - em especial, o povo judeu - durante a Segunda Guerra Mundial. Budapeste foi violentamente atacada e, ainda assim, se reergueu, sem apagar da sua arquitetura e do seu urbanismo os traços e as lembranças de seu triste passado. Todas as marcas do que seu povo passou, como torturas e sofrimentos a que foi submetido, está contado nas paredes e nas calçadas da cidade, está “no ar”; de forma a manter o passado a memória afetiva daquele lugar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O passado deixando marcas na Arquitetura e no Urbanismo atuais

Ribeiro (2009), em seu artigo “Arquitetura e simbolismo: novas abordagens no campo da análise do espaço e da cidade”, traz que, segundo a obra “Architectural principles in the Age of Humanism” de Wittkower, (1949), os arquitetos Palladio e Alberti, ao fazerem uso das proporções matemáticas, buscavam reforçar através da sua arquitetura preocupação em exaltar o indivíduo em suas obras. Esse tipo de posicionamento, o de integração entre arquiteto e indivíduo ainda existe nos dias atuais, através de criações que respeitam e, até mesmo, enaltecem a história de um povo, tenha sido ela dolorosa ou não.

Durante a época do Modernismo, houve casos de cidades e, é possível arriscar dizer, de edificações criadas e modificadas sem a mínima preocupação com seus usuários e com suas histórias e identidade, ao que Ribeiro (2009) se posiciona contra. Esse tipo de criação arquitetônica e urbana tem o poder de, por vezes, destruir as memórias de alguém, assim como sua bagagem histórica, a qual contribui significativamente para a identidade não apenas pessoal, como também da sua cidade. Desse modo, é notável que, independente das cicatrizes de um lugar, antes de qualquer ação, a população deve ser consultada; até mesmo porque, diversas vezes, o arquiteto e urbanista que assinará um projeto, não reside naquela região, desconhece a história daquelas paredes de tijolos de barro erguida. Ademais, para a população que reside há mais tempo no local, vínculos afetivos ali estão estabelecidos, e o papel da arquitetura e do urbanismo é dar voz a todos, visando o bem-estar e o cuidado social e mental das comunidades. Não apenas uma busca incessante por o que está em “voga”.

O papel do arquiteto é garantir que as histórias contadas através de elementos físicos não sejam apagadas da mente da sociedade mesmo, e, talvez, principalmente, quando a memória afetiva daquele lugar trouxer lembranças dolorosas. Esse poder possui a arquitetura: o de poder abraçar o passado que vive nas calçadas e nas paredes das construções antigas, e mesclar às histórias da vida dos moradores atuais.

Alguns autores, como Sandra Pesavento, citam que a cidade é muito mais do que um espaço, a cidade importa, de fato, pelas relações que são estabelecidas nesses territórios e que dali fazem surgir uma história própria e única a ser contada. Segundo Pesavento (2007), para a Revista Brasileira de História, “a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos”. Ou seja, ela deixa explícita a importância das pessoas como contribuintes diretos da criação da história da cidade. Para ela “a cidade é concentração populacional”, sendo ligada de forma indissociável ao indivíduo: “cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais.”

Assim, vale lembrar que apagar as memórias da arquitetura, não as apaga da mente dos sobreviventes, dos historiadores, ou dos curiosos. Não diminui a dor, apenas a torna imaterial. Na arquitetura e no urbanismo, a materialidade, no sentido da existência de algo, não da sua mera concepção imaginária, ocorre para dar sentido aos desejos, para dar concretude à uma lembrança, para dar voz às necessidades e às emoções; sendo assim, como dar voz à dor de um povo que possui cicatrizes de guerra, com uma arquitetura que apaga os resquícios palpáveis do que aconteceu?

Arquitetura de Simbolismo ou Icônica

A Arquitetura Icônica retrata, através de suas obras, valores sociais, históricos, políticos e éticos, ou seja, é uma edificação que significa muito mais do que a sua simples construção. É uma arquitetura que quer expressar, quer representar um povo, quer falar através de suas paredes, de seus materiais. Esse tipo de arquitetura não é comum, ela é especial, forte e atrevida; é o tipo de mais puro e genuíno de criação arquitetônica, pois tem vida. Ela pode fazer com que as pessoas, por vezes, duvidem de sua definição sobre o que é belo ou não, pois ela tem o poder de chocar, de fazer pensar e questionar. Isso faz dela um ponto extremamente importante na arquitetura e no urbanismo, pois mostra o quão longe essa profissão vai, o quão profunda ela pode ser, ao ter a capacidade de se enraizar na vida das pessoas, contando suas histórias e fazendo parte do cenário que elas contam aos demais.

Budapeste

Budapeste serve como um maravilhoso exemplo de lugar que, mesmo diante de todas as adversidades enfrentadas por seu povo, optou por mostrar ao mundo sua história, em vez de escondê-la. Na cidade, há um memorial ao longo do Rio Danúbio (Figura 2) instalado ali como forma de lembrar todos os judeus que perderam suas vidas durante o Holocausto; sua posição naquele lugar da cidade tem a ver com os judeus que ali foram enfileirados e, então, fuzilados por soldados seguidores do Partido Nazista Alemão. Ou seja, é uma intervenção urbana simples, mas com poder de trazer à tona a lembrança, a memória do que aconteceu naquele local e de todas as vidas que foram perdidas naquele lugar. Esse memorial existente ao lado do rio Danúbio retoma o tema da Arquitetura de Simbolismo ao contar a história de Budapeste, ao ter um significado, ser um símbolo para aquele lugar - quando, ali, muito possivelmente, poderia ter sido instalado algo mais atrativo. E isso é contar a história de Budapeste a partir de uma inteligível, porém importante, intervenção urbana.

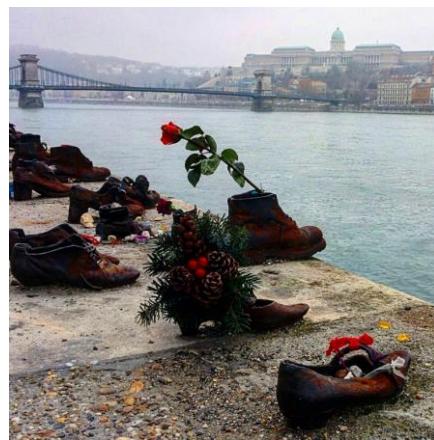


Figura 1: Memorial do Holocausto, ao lado do rio Danúbio, em Budapeste. Fonte: Julia Boechat, 2017

4. CONCLUSÕES

Assim, é possível entender como a Arquitetura de Simbolismo, exemplar em Budapeste, é valorosa sempre que uma cidade decide deixar transparecer

através de si mesma, todas suas memórias, positivas ou não. Apagar das ruas, das fachadas de uma cidade a história que ali se desenvolveu, porque traz lembranças negativas não é justificativa para esconder os acontecimentos de uma população que existiu e que deixou um legado para o futuro; uma vez que as lembranças positivas e os vínculos dos indivíduos serão apagados também. A arquitetura icônica se baseia em validar os lugares que mexem com os sentimentos das pessoas, que significam algo para alguém; e isso é o que deve ser a arquitetura e o urbanismo. Ter valor histórico, sensorial, sentimental; não apenas valor de mercado. Budapeste mostra como uma cidade pode ser linda e, ao mesmo tempo, contar, através dessa beleza arquitetônica e urbana, suas memórias afetivas, suas dores, seu passado, sem deixar de lado a preocupação estética. A arquitetura icônica reforça que o passado faz parte dos dias atuais, precisando ser exposta; com a arquitetura e o urbanismo sendo palco para a vida, possibilitando cenários para novas histórias. Deve-se ter em mente que o que é essencial para o arquiteto e urbanista são as lembranças que as pessoas vão construir nos lugares em que ele projetar - esse deve ser seu ponto de partida e seu propulsor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

As distâncias: Lugares da Segunda Guerra em Budapeste, (2017). Acessado em 29 de junho de 2019. Online. Disponível em: <https://asdistantias.com/2017/04/16/lugares-da-segunda-guerra-em-budapeste/sapatos-danubio-budapeste-memorial-holocausto-7/>

BEEVOR, Antony. **A Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

EDELWEISS, Roberta. "Cidade contemporânea, memória e preservação patrimonial: uma interpretação a partir das preexistências culturais." **Oculum ens.**, Campinas, Vol. 13, N. 1, pp. 153-162, Janeiro-Junho 2016.

HASTINGS, Max. **Inferno: o mundo em guerra 1939-1945**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

Holocausto: para não esquecer jamais. Acessado em 17 de junho de 2019. Online. Disponível em: <http://editoraunesp.com.br/blog/holocausto-para-nao-esquecer-jamais>

PESAVENTO, Sandra. "Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias". **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, Vol. 27, N. 53, pp. 11-23, Junho 2007. Acessado em 17 de junho de 2019. Online. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002&lng=en&nrm=iso.

Praça da liberdade. Acessado em 2 de julho de 2019. Online. Disponível em: <https://mundovastomundo.com.br/budapeste/praca-da-liberdade-szabadsagag-ter/>

RIBEIRO, Nelson. "Arquitetura e simbolismo: novas abordagens no campo da análise do espaço e da cidade". **XXIX Colóquio CBHA**. pp 357-366, 2009.